

### Indigenistas defendem a Igreja missionária

BRASÍLIA — A direção do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), que está reunido em Brasília, respondeu às acusações feitas pelo presidente da Confederação Nacional da Agricultura Flávio Brito, que apontou a Igreja como responsável pela subversão no meio rural. "Esta provocação — disse o vice-presidente do CIMI, dom Thomás Balduino — está sendo conduzida pelos latifundiários que se estão organizando e usando "a bruxa comunista" para justificar os problemas que ocorrem no campo, que só terão uma solução quando o Governo e demais setores que atuam a serviço do povo passarem a acreditar nele e em seu futuro, associando-se ao camponês para derrubar a impostura que aí está como desordem estabelecida."

Para o CIMI as acusações do presidente da CNA e demais dirigentes das federações apenas revela "o acerto de posições da Igreja". Dom Thomás explicou que a Igreja continuará defendendo que a solução para o problema do lavrador e do índio está neles mesmos e que "toda tentativa de se colocar no lugar deles é uma atitude neocolonialista que precisa ser combatida".

"Os latifundiários de toda a espécie praticaram um roubo não só de terras, mas roubaram do povo o direito de falar, decidir, de ter lugar, voz e vez, e é este roubo que a Igreja, ultimamente não só procura denunciar, mas tenta sanar pela raiz, fazendo ouvir a voz desse povo da forma mais pura possível e suas propostas de solução para seus problemas.

O assassinato de dois índios guajajaras na fazenda Xopé, em Barra do Corda, Maranhão, no mês passado, um dos temas que está sendo discutido pela direção do CIMI, em Brasília, na opinião dos missionários precisa ser investigado em toda a sua extensão. Segundo relatórios examinados na reunião, a Polícia Militar do Maranhão foi realmente co-autora do crime, pois os índios foram assassinados friamente na presença de policiais.

"Após o crime executado — afirma o CIMI — a Polícia, ao invés de lavrar o flagrante do crime, prendendo o criminoso, omitiu-se, permitindo que existisse a tentativa de ocultação dos cadáveres, a mesma Polícia dificultou as investigações para apurar o desaparecimento dos índios Mateus e Moreira, comprometendo-se seriamente com o delito."

O CIMI denuncia ainda que o inquérito policial instaurado em Barra do Corda está sendo conduzido com parcialidade, estando a cargo da própria Polícia Militar, que tem colhido os depoimentos dentro do quartel, intimidando os depoentes. O CIMI defende que o inquérito precisaria ser conduzido por um órgão, idôneo, não comprometido no caso, para que não se repita com os guajajaras o ocorrido em outras áreas indígenas, onde os assassinos de índios continuam soltos, como ocorreu em Manguerinha, na morte do cacique Angelo Kretan, com o chefe Pa Araru Angelo, na Bahia, e mesmo o assassinato de tribos inteiras como ocorreu em Rondônia, quando toda uma comunidade Cinta-Larga foi assada em 1968, com arsênico misturado no açúcar.